Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Série 66, nº 5-6, maio-junho/1948, pp. 245-253

Sessão de abertura e conferência do Sr. Dr. Lopes de Almeida

Abriu o ciclo das conferências o ilustre catedrático da Universidade de Coimbra Senhor Dr. Lopes de Almeida que versou o tema: «Situação de Angola na época da Restauração», numa sessão solene, a que se dignou presidir o venerando Chefe do Estado.

Uma força de marinha fez a guarda de honra à entrada do edifício e na sala a Banda da Guarda Nacional Republicana executou o Hino Nacional à entrada de Sua Excelência, e na Sala alguns números do seu reportório.

A sala «Portugal» apresentava a sumptuosidade dos grandes dias. Altas patentes da Armada e do Exército, alto funcionalismo, pessoas da mais elevada categoria social, enchiam a sala.

Os descendentes do herói da Restauração ocuparam lugar à parte, tendo usado da palavra o Sr. Visconde da Asseca, em nome da família do homenageado.

Na mesa de honra o Senhor Marechal Carmona dava a direita ao Senhor Subsecretário de Estado das Colónias que representava o titular da pasta e ao secretário perpétuo da Sociedade. À esquerda sentava-se o presidente da Sociedade de Geografia Sr. Prof. Dr. Moreira Júnior e o Senhor Coronel Álvaro da Fontoura.

Abriu a sessão, em nome de Sua Ex.ª o Presidente da República, o presidente da Sociedade Prof. Dr. Moreira Júnior que começou por agradecer ao Venerando Chefe do Estado a honra da sua presença. Referiu-se com palavras de grande elevação ao feito que se comemorava e à figura do herói que a realizou e fez o elogio do conferente, brilhante ornamento da Universidade de Combra e apaixonado cultor da história nas suas multiplas modalidades e entre estas a ultramarina.

O Dr. Lopes de Almeida é um publicista criterioso e fecundo, os seus trabalhos uns exclusivamente da sua autoria e outros de colaboração, têm sido devidamente apreciados.

A restauração de Angola e o estudo do seu denodado paladino dificilmente poderiam ser versados por alguém com a competência, elevação e brilho do Prof. Lopes de Almeida.

Disse que o famoso acontecimento da reconquista de Angola e o perfil de Salvador Correia de Sá, o restaurador dessa Colónia, seriam examinados com esmerada proficiência e elevação. O professor exímio uma vez mais se evidenciaria à máxima altura.

A situação angustiosa de Angola e a sua libertação, os episódios sobrevindos e o êxito assombroso da campanha dirigida por Correia de Sá, a resistência, sem desfalecimento, dos portugueses em Massangano, último reduto lusitano durante os 7 anos de domínio holandês, fazendo frente aos ataques dos holandeses e às agressões do gentio por aqueles incitado, seriam descritos com precisão, vigor e brilho. Por seu turno, de Salvador Correia de Sá será traçado o perfil luminoso, acentuando-se a sua bravura, os seus talentos guerreiros, o seu génio militar, mercê do qual elaborava bruscamente planos para vencer as dificuldades supervenientes da luta, o que assombrosamente conseguia, bem como o seu critério administra-

Sua Ex.ª o Presidente da República, que presidiu à sessão inaugural do ciclo de conferências, na «Sala da Índia» da Sociedade

tivo, o desinteresse e a sagacidade diplomática de que deu provas: tudo seria posto em relevo.

O herói que conseguiu expulsar os holandeses da Baía e de Pernambuco e ajudou os espanhóis a restabelecer a ordem no Rio da Prata, completou admiràvelmente a sua obra guerreira e libertadora com a restauração de Angola e a expulsão completa dos holandeses, apesar de muito mais numerosos, mais potentemente armados e auxiliados pelo gentio. O nome português conseguiu o máximo prestígio: o seu esforço foi gigantesco.

À míngua de monumento que na Capital, em bronze e mármore, rememore os feitos épicos de Salvador Correia de Sá, a Sociedade de Geografia cooperará na celebração do tricentenário da reocupação de Angola com uma série de conferências que, no conjunto, formarão monumento histórico-literário em que as façanhas realizadas serão insertas e onde iremos haurir alentos e coragem para a defesa dos nossos territórios ultramarinos, se ameaçados. Neste tormentoso quadro mundial estas consagrações são úteis e necessárias.

Terminou, agradecendo ao Prof. Lopes de Almeida a gentileza de ter aquiescido à solicitação feita pela Direcção da Sociedade de Geografia, o que muito a penhora.

A Situação de Angola na Epoca de Restauração

Conferência do Sr. Prof. Dr. Lopes de Almeida (1)

Começou o conferente por saudar na veneranda pessoa do Chefe do Estado essa imensa realidade moral e política que é o Império Português, de cuja história se celebra no ano corrente o facto que decisivamente reintegrou Angola na comunidade lusíada.

(1) Por não se ter conseguido a conferência publicamos o resumo.

O conferente traçou um quadro da situação do Império Português na 1.ª metade do século XVII, aludindo à situação criada pela integração dos domínios ultramarinos portugueses na grande monarquia da Casa de Áustria, e assinalou como a perda do domínio marítimo nos finais do século XVI trouxe consigo a impossibilidade de evitar os ataques das nações do norte da Europa às principais possessões dos portugueses. Referiu como a disputa intelectual pela liberdade dos mares, entre Hugo Grócio e Fr. Serafim de Freitas, desviada na ordem prática para a vastidão do oceano teve consequências profundas e funestas para as nações peninsulares, e como os factos da perda da *Armada Invencível*, e das armadas de D. Manuel de Meneses e de D. António Oquendo consumaram a perda do domínio marítimo por parte de Portugal e Espanha. Desde então, aqueles povos que passaram a ser denominados como os *inimigos da Europa* lançam-se impetuosamente à conquista das terras cobiçadas do Oriente, da América e da África. A invasão de Angola pelos holandeses em 1641, e cuja presença nas suas imediações se assinala desde 1603, não é senão um estádio para a conquista de uma base marítima para a invasão das Índias ocidentais e simultâneamente a ocupação de um resgate de escravos necessário aos estabelecimentos holandeses do Brasil.

A recuperação da independência portuguesa devia produzir um volte-face nas relações políticas internacionais, e dar a Portugal as possibilidades de defender e reivindicar as parcelas do seu império colonial ocupados durante o domínio castelhano. A política seguida por D. João IV em relação às nações do norte tinha necessàriamente de ser prudente, mas essa prudência não excluia a decisão e até a luta impetuosa e pertinaz. Por isso mesmo a situação política na ordem internacional se afigura por vezes dúbia, porquanto se vivia em paz na Europa e se lutava impiedosamente no ultramar. As tréguas realizadas com a Holanda após a aclamação de D. João IV não eliminaram os motivos de guerra nas possessões ultramarinas, e a própria invasão de Angola em 1641 o denuncia claramente.

Os sete anos que se sucedem à invasão holandesa chefiada por aquele a quem o Conde da Ericeira chama o *corsário Tólo*, obrigaram os portugueses a escrever com sangue e dores uma epopeia em terras angolanas. Quando em 1648 surge em face de S. Paulo de Luanda a esquadra de Salvador Correia de Sá, homem de ânimo vigoroso e já carregado de ser-

viços na defesa do Império Português, luzia a esperança de que essa nova Lusitânia não se desagregaria da mãe-pátria. Assim foi na realidade, e por isso mesmo as comemorações tricentenárias da restauração de Angola são a justa consagração de uma política e de um homem que bem serviram Portugal e a sua expansão no mundo.

Discurso do Ex.mo Sr. Visconde da Asseca

Excelentíssimo Senhor Presidente da República!
Minhas Senhoras!
Meus Senhores!

Como descendente directo e representante de Salvador Corrêa de Sá cabe-me a honra de dizer umas palavras no final desta brilhante sessão.

Falo *não apenas* como *chefe* dos Corrêa de Sá para *agradecer* a homenagem aqui prestada a um membro da *minha família*. Falo *sobretudo* como português que agradece ao seu Governo o ter feito aqui tão fortemente reviver, nesta era da *segunda* Restauração de Portugal, uma das grandes figuras da *primeira* Restauração. Sirva a figura de Salvador Corrêa de Sá de inspiração e exemplo aos portugueses de hoje de como se serve a Pátria, *todos os dias*, mas *sobretudo* quando, como agora, Ela especialmente de nós precisa e a todos nos chama, porque todos juntos *não somos demais* para defender as CINCO CHAGAS e os CASTELOS DE PORTUGAL.

A notícia histórica àcerca de Salvador Corrêa de Sá acaba de nos ser dada, brilhantemente, pelo Ex.mo Sr. Dr. Lopes de Almeida, mas permitam-me V. Ex.as e o tão sapiente orador que eu diga qual, em meu entender, constitui o grande, o principal, o transcendente feito que Salvador Corrêa prestou à Pátria.

Salvando o Brasil, salvando Angola dos inimigos da Coroa Portuguesa, de Portugal, Salvador Corrêa impediu que se desconjuntasse, numa

hora muito séria, a comunidade portuguesa fixada por esse mundo além — na América, na África, na Ásia.

Se os nossos reinos de além mar, se as nossas possessões não têm acompanhado D. João IV; se o corpo português se começasse a desagregar; se caissem, logo de entrada, o Brasil e Angola, cairiam Moçambique e as restantes pétalas de uma flor que murcha... e Portugal teria murchado! Como exemplo da sua atitude e dos seus feitos, Salvador Corrêa de Sá *impediu* que se desagregasse a comunidade portuguesa de além mar e julgo-me perfeitamente justificado em afirmar que ele salvou o Império e simultâneamente, talvez, o próprio movimento da Restauração, pois *é impossível* conceber um Portugal independente *sem Império* e, portanto, *sem prestígio*, sem qualquer utilidade no concerto das Nações... e sem aliados. O rumo da história teria talvez sido outro se não fora Salvador Corrêa de Sá.

Ficámos e continuamos isentos nos quatro cantos do Mundo, mas é preciso que os grandes portugueses a quem devemos não tenham como prémio: *os que já lá vão*, o túmulo frio do nosso esquecimento; *os que vivem*, que também são portugueses, a nossa incompreensão e indiferença. É preciso que as grandes figuras históricas tais como Salvador Corrêa, cujos feitos aqui hoje celebramos, não sejam assunto apenas para sessões académicas... a arquivar até à próxima sessão na poeira dos arquivos; é preciso que os grandes *portugueses de hoje*, que já entraram na História, pois que a história hoje em dia *faz-se numa vida*, como vemos, sejam estimados, compreendidos e obedecidos.

Não nos devemos satisfazer com o bem estar que nos dá a *ideia* de que herdámos e possuimos um Império; *não basta* o simples *desejo* de conservá-lo pois que o *simples* desejo de conservar uma coisa nunca assegurou a sua posse definitiva. É preciso que o desejo se transforme em vontade e a vontade em acção — ACÇÃO COLONIAL. E neste sentido, quere dizer, no de chamar os portugueses à acção colonial eu me dirijo aos colonos. Por colonos entendo, no sentido mais lato e elevado da palavra, todos os que fizeram e fazem a sua vida nas calónias, que labutaram e continuam a labutar pela Pátria, seja em que situação for; quer se sintam em Portugal quer se encontrem na província do Minho quer na província de Angola, quer em qualquer outro ponto do Império Português, por mais distante... porque o mar, por maiores as *tormentas*, vence-se. Não divide Portugal nem

os portugueses. Não é pois aos *colonos* de ontem e de hoje que me dirijo. Esses souberam seguir e seguem o exemplo do Salvador Corrêa de Sá, têm a consciência da Nação, são dignos dele.

Em nome de Salvador Corrêa de Sá, dirijo-me, sim, aos *muitos* para quem esses *poucos* tanto fizeram e fazem — aos portugueses da Metrópole, portanto.

Eu disse que é preciso que o desejo de conservar o Império se transforme em vontade e a vontade em acção — ACÇÃO COLONIAL — na base da qual está o povoamento das nossas províncias do ultramar. Não lhe chamem emigração porque não *emigra* quem não sai da *sua terra.*

A vontade adquire-se pela criação de uma consciência colonial, e quem tiver ou julgue ter a consciência da Nação e das suas necessidades imprescindíveis, tanto espirituais — quer dizer, de prestígio e influência — como materiais, *não poderá deixar de ter* ou adquirir uma forte consciência colonial. É disto que precisamos primeiro do que tudo! Por mais acertada que seja a orientação em matéria de políticas coloniais, por mais brilhantes os diplomas oficiais, a começar pelo Acto Colonial, toda a orientação superior, toda a legislação para pouco servirá se não tiver atrás de si uma massa cônscia do seu dever e disposta a cumpri-lo.

E havendo consciência, haverá ACÇÃO COLONIAL.

Salvador Corrêa de Sá cumpriu o seu dever; e quem tão bem serviu tem o direito de mandar. Já que o evocaram, que os portugueses de hoje CUMPRAM COMO ELE e SIGAM DE ALMA E CORAÇÃO CONVICTAMENTE, QUEM RESTAUROU PORTUGAL PELA SEGUNDA VEZ e conduz os portugueses no caminho de *BEM DA NAÇÃO.*

Discurso de encerramento da sessão pelo Sr. Presidente da Sociedade de Geografia, Prof. Dr. Moreira Júnior

O Presidente da Sociedade de Geografia, usando de novo da palavra, analizou a conferência proferida e encareceu o seu valor, considerando-a admirável na sua geral contextura, altamente instrutiva, deleitosa e comunicativa no fervor patriótico que em toda ela transluziu.

Os actos heróicos praticados e a individualidade prestigiosa de Salvador Correia de Sá foram apreciados, disse, com grande elevação. A vibração que animou o conferente contagiou a assembléia que o escutou, fremente, e no final estrepitosamente aplaudiu. Com efeito, o estudo do Prof. Lopes de Almeida foi meticuloso, completo, esmerado, perfeito. Ninguém o faria melhor.

E, se é certo que o notável prelector não esqueceu as grandes proezas de Correia de Sá, não deixou também de severamente estigmatizar a intriga vil de invejosos sem mérito, que a Correia de Sá causaram fundos dissabores e até a prisão durante anos: ingratidão imperdoável, embora seja a moeda corrente com que os governantes e até os povos pagam, muitas vezes, os serviços excepcionais dos que levantaram muito alto o prestígio das respectivas nações.

E, todavia, Correia de Sá, durante a sua longa vida de 94 anos, apesar da ingratidão havida, manteve sempre a sua linha moral inflexível: honrar a grei, com inexcedível nobreza.

A conferência realizada é a inicial da comemoração que se celebra. Outras se seguirão, proferidas por oradores de assinalado mérito e deveras devotados às Colónias.

O Reverendo e douto Arcebispo-Bispo de Aveiro que muitos anos consumiu na cristianização dos povos gentílicos de Angola, com dedicação modelar, encerrará o ciclo das conferências: iniciada a série de conferências com desusado brilho, terminará com esplendor, revestido de unção religiosa. A série das prelecções ficará inolvidável na grandeza de que se revestiu.

A Sociedade de Geografia congratula-se com a sua interferência na celebração, com grande luzimento, do tricentenário da reocupação de Angola e nas homenagens ao português de excepcionais talentos — Correia de Sá.

Em nome do Sr. Presidente da República, encerrou a sessão.